



REQUERIMENTO Nº , de 2011

Requeiro, nos termos do art. 218, inciso VII, e art. 221, inciso I, do Regimento Interno do Senado Federal, inserção em ata de voto de pesar pelo falecimento do carnavalesco João Clemente Jorge Trinta, conhecido como Joãosinho Trinta, sábado, em São Luiz do Maranhão, aos 78 anos, bem como apresentação de condolências aos seus familiares.

JUSTIFICAÇÃO

João Clemente Jorge Trinta nasceu em São Luís, no dia 23 de novembro de 1933. Trabalhou como escriturário na capital maranhense até se mudar para o Rio de Janeiro, em 1951, onde fez dança clássica no Teatro Municipal e montou peças como “O Guarani”, de Carlos Gomes, e “Aida”, de Giuseppe Verdi.

A carreira de Joãosinho Trinta começou como assistente na Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, em 1963. Dez anos depois, já era o carnavalesco titular. Ganhou o bicampeonato em 1974 e 1975 com os enredos “O Rei da França na Ilha da Assombração” e “O Segredo das Minas do Rei Salomão”. Em 1976, foi para a Beija-Flor de Nilópolis, onde ganhou os títulos dos anos de 1976, 1977, 1978, 1980 e 1983 e lá ficou por 17 anos e seguindo para a escola Unidos do Viradouro.

Uma das marcas do carnavalesco era o luxo e a riqueza na avenida. Criticado por ter essa postura, é dele a célebre frase: “O povo gosta de luxo. Quem gosta de miséria é intelectual”.

Em 1989, levou para a avenida o enredo “Ratos e Urubus, Larguem a Minha Fantasia”. O trabalho criou polêmica com a Igreja Católica por colocar na Sapucaí um carro alegórico com o Cristo Redentor vestido como mendigo. A imagem foi censurada e, sem perder a criatividade, Joãosinho Trinta resolveu cobrir o Cristo com plástico preto e a inscrição: “Mesmo proibido, olhai por nós.”

Os problemas de saúde começaram em 1993, quando teve uma isquemia. Em 1996, sofreu um Acidente Vascular Cerebral – AVC. Em novembro de 2004 foi vítima



de outro AVC, sendo que em 2006, ainda morando no Rio de Janeiro, teve outros dois AVCs e foi transferido para o Hospital Sarah Kubitschek, em Brasília, onde testemunhei o carinho e a competência com que foi tratado pelos profissionais do hospital, principalmente pela Dra. Lúcia Viladino Braga.

Joãosinho venceu os carnavais das escolas do grupo de acesso, com o Império da Tijuca, em 1976, e Acadêmicos da Rocinha, nos anos de 1989, 1990 e 1991. Pela Unidos do Peruche, uma das mais tradicionais escola de samba da cidade de São Paulo, teve uma passagem em 1989 e em 1990. Mesmo debilitado, continuou trabalhando e conquistou o título de 1997 pela Viradouro com o enredo “Trevas! Luz! A Explosão do Universo.”

Em 2001, levou para a Sapucaí um homem voando em um foguete portátil como parte do enredo “Gentileza, o profeta do fogo”, pela Grande Rio, conquistando a sexta colocação.

Joãosinho Trinta conquistou o 3º lugar no carnaval de 2003, com o enredo “Nosso Brasil que Vale”. Por este trabalho, foi considerado o primeiro carnavalesco a aceitar “merchandising” e patrocínio para compor o enredo. A então empresa Vale do Rio Doce ajudou nos custos da escola de samba. Neste mesmo ano, ele gravou o documentário “A Raça-Síntese de Joãosinho Trinta”, que mostrava os preparativos do carnaval na Grande Rio.

A última participação de Joãosinho Trinta no carnaval do Rio de Janeiro foi em 2005, na Vila Isabel, com o enredo “Singrando em mares bravios... E construindo o futuro”, que lhe rendeu a 10ª colocação.

Em 2009, ele ajudou a cidade de Cavalcante, no estado de Goiás, com pouco mais de 10 mil habitantes, a fazer o carnaval local. Mesmo com a saúde frágil, ele desenhou fantasias e orientou as costureiras a fazerem as fantasias. Ele improvisou barracões em galpões de fazendas, organizou a bateria e montou cinco blocos carnavalescos. A apresentação contou com descendentes de escravos, que apresentaram a “sussa”, dança típica quilombola.



Atualmente, Joãozinho Trinta vivia no Maranhão e atuava em projetos da Secretaria de Cultura do Estado para a comemoração dos 400 anos de São Luís, em 2012. “Joãozinho pensou num grandioso projeto, que agora deverá ser levado adiante, até como forma de homenagem a esse maranhense que marcou a história da arte brasileira”, segundo disse a governadora Roseana Sarney, por meio de nota oficial.

O luxo de suas fantasias e alegorias não fazia parte do dia a dia de João. Era apenas uma fantasia do menino que deixou o Maranhão para tentar a sorte no Rio de Janeiro. Como dizia o refrão do samba enredo “Ratos e Urubus: “Sou na vida um mendigo, na folia eu sou rei”.

Sala das Sessões, 19 de dezembro de 2011

Senador **Eduardo Matarazzo Suplicy**